

Solange de Aragão

Arquiteta e urbanista, com pós-doutorado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Atualmente desenvolve a pesquisa intitulada "A cidade nas Artes: da Colônia ao Império", junto à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Rua do Lago, 876, Cidade Universitária, São Paulo, SP, CEP 05508-080, solangedearagao@hotmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir quatro fontes documentais para o estudo da casa brasileira do século XIX: os relatos de viagem, os anúncios de jornal, as pinturas e fotografias paisagísticas – fontes em que a arquitetura brasileira, particularmente a casa, aparece ora descrita, ora retratada em seus aspectos externos ou internos, ora como parte integrante das paisagens do Brasil.

Palavras-chave: fontes documentais, casa brasileira, século XIX.

Um dos primeiros pesquisadores a demonstrar a importância documental dos relatos de viagem, anúncios de venda e aluguel de casas e do material iconográfico (incluindo litogravuras e desenhos) para a caracterização da arquitetura brasileira tradicional e da primeira metade do século XIX, não foi um historiador da arquitetura, mas um sociólogo. Em *Casa-Grande & Senzala* e, principalmente, em *Sobrados e Mucambos*, Gilberto Freyre caracterizou a arquitetura partindo da leitura e análise desse material, sendo seguido, posteriormente, por arquitetos historiadores de destaque – entre eles, Carlos Lemos e Nestor Goulart Reis Filho.

Ainda hoje, quando se pretende estudar a arquitetura do oitocentismo, de um ponto de vista diferenciado, como na elaboração de uma tipologia edificatória do período, é imprescindível não apenas a leitura dos textos desses autores (Gilberto Freyre, Carlos Lemos e Nestor Goulart, entre outros estudiosos da casa brasileira), mas a leitura e análise direta dos relatos de viagem, anúncios de jornal e do material iconográfico existente, com o intento de descobrir novos detalhes, que possam ser contrastados com

as informações e asserções da historiografia atual para reiterá-las ou contestá-las.

Pretende-se aqui reafirmar a importância desse material para a caracterização da arquitetura brasileira do século XIX, mais especificamente da casa brasileira desse período, tendo como exemplo quatro cidades: Rio de Janeiro, Recife, Salvador e São Paulo – as quais foram visitadas e retratadas pelos viajantes, fotografadas por estrangeiros e condecoradas (especialmente o Rio de Janeiro, Recife e Salvador) com os primeiros periódicos brasileiros.

Saint-Hilaire, que esteve em São Paulo e no Rio de Janeiro, deixou descrições de casas de campo, chácaras e casas de taipa erguidas na capital paulista; Maria Graham escreveu sobre as construções pernambucanas, sobre as casas da Bahia e sobre as casas e jardins do Rio de Janeiro. E assim também Rugendas, Debret, Spix & Martius, John Mawe, entre tantos outros, deixaram, em suas impressões de viagem, dados essenciais para a caracterização da arquitetura e da paisagem urbana da época.

* A primeira versão deste trabalho foi apresentada no seminário internacional "Arquitetura e Documentação", realizado em Belo Horizonte em 2008, sob o título "A importância dos relatos de viagem, dos anúncios de jornal, das pinturas e fotografias paisagísticas para a caracterização da arquitetura brasileira do século XIX". Este trabalho resulta de pesquisa de pós-doutorado desenvolvida junto ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Os textos desses viajantes foram pesquisados por Gilberto Freyre e alguns tornaram a ser mencionados nos estudos de Carlos Lemos e Nestor Goulart.

Desses viajantes, alguns eram pintores de paisagem ou de costumes, como Rugendas e Debret, tendo registrado vistas e panoramas do Rio de Janeiro e de outras cidades brasileiras e imagens que retratam os costumes dos habitantes do país, nas quais é possível observar detalhes das construções (como varandas ou alpendres, pilares, telhados e beirais, portas e janelas com rótulas). Outros viajantes registraram aspectos de paisagens e construções na qualidade de amadores, como Maria Graham. Os desenhos e gravuras destes últimos também têm valor documental.

Com a invenção da fotografia, ainda no século XIX, alguns estrangeiros e brasileiros, como R. Lindemann e Marc Ferrez, passaram a retratar em preto-e-branco as paisagens brasileiras. Há vistas panorâmicas, fotografias da área central das cidades e fotografias de ruas, nas quais é possível observar as casas térreas e sobrados com telhados de duas águas do período tradicional e algumas construções com detalhes neoclássicos ou ecléticos, ladeadas por jardins, características da segunda metade do século XIX. Em relação à cidade de São Paulo, são de grande importância as fotografias deixadas por Militão Augusto de Azevedo, especialmente os panoramas gerais da cidade e as fotos comparativas de algumas ruas, tiradas em 1862 e em 1887.

Nos periódicos, autorizados e difundidos somente depois da chegada da Família Real ao Rio de Janeiro, em 1808, com a criação da Imprensa Régia, é possível encontrar detalhes das habitações urbanas e semi-urbanas, como casas térreas, sobrados e chácaras. Por meio da leitura dos anúncios de jornal, nota-se que algumas casas térreas eram ditas “com sótão”, que o sótão ou mesmo um dos pavimentos dos sobrados eram alugados para outras famílias ou homens solteiros e que havia construções com “quintal na frente”, com palmeiras, ainda nas primeiras décadas do século.

Todo esse material é de fundamental importância para o estudo da arquitetura brasileira do oitocentismo. Gilberto Freyre apontou o caminho para a valorização desses documentos. Cabe aos historiadores da arquitetura seguir os passos do sociólogo.

A arquitetura brasileira do século XIX nos relatos de viagem

Em Sobrados e mucambos, Gilberto Freyre faz menção a diversos viajantes que estiveram no Brasil no século XIX e deixaram em seus relatos de viagem descrições de casas térreas e sobrados em áreas urbanas, semi-urbanas e rurais. Maria Graham, Saint-Hilaire, Spix & Martius, Daniel Kidder, Debret, Rugendas e John Mawe são alguns dos vários nomes citados por Freyre em cujas obras é possível encontrar dados reveladores da arquitetura brasileira do oitocentismo.

Maria Graham esteve em Salvador, no Rio de Janeiro e no Recife. Em Salvador, observou os sobrados com o térreo destinado aos escravos, as casas-jardim, muitas vezes habitadas por estrangeiros, situadas no “subúrbio de Vitória”, as casas de campo e as “cabanas dos pobres”, feitas de estacas verticais com folhas de coqueiro ou barro. (GRAHAM, 1990)

No Rio de Janeiro, encontrou outras casas de campo, “nem grandes nem luxuosas”, mas decoradas com varandas. (Idem, *ibid.*) Para a viajante inglesa, as casas urbanas de três ou quatro pavimentos, com tetos salientes, pareceram “toleravelmente belas”. (Idem, *ibid.*)

No Recife, viu casas de três ou quatro pavimentos, “feitas de pedra clara”, com lojas ou alojamento para negros no térreo, o primeiro pavimento destinado a escritórios e armazéns, as alcovas no segundo pavimento e a cozinha “no alto”. (Idem, *ibid.*) Nos arredores da cidade, outras casas de campo, “adornadas de pomares e jardins”. (Idem, *ibid.*)

Saint-Hilaire esteve em Minas, em São Paulo, no Rio de Janeiro e em cidades situadas ao Sul do país. Em seus relatos de viagem, descreveu minuciosamente as casas de São Paulo:

“As casas, feitas de taipa e bastante sólidas, são todas caiadas e cobertas de telhas. Nenhuma delas sugere opulência, mas vê-se um grande número de sobrados, que chamam atenção por seu aspecto vistoso e limpo. Os telhados não se projetam muito para fora, apenas o suficiente para darem sombra e protegerem as paredes da chuva, e as janelas não são tão juntas umas das outras, como se vê comumente no Rio de Janeiro. As dos sobrados são

quase todas envidraçadas, com postigos pintados de verde e com sacadas. As casas de um só pavimento têm gelosias que se abrem de baixo para cima e são feitas de paus cruzados em diagonal.” (SAINT-HILAIRE, 1976)

Spix & Martius registraram algumas transformações da arquitetura de uso residencial à época de sua estada no Rio de Janeiro:

“As casas, de pouca altura e baixo frontispício, relativamente ao fundo, são na maioria feitas com granito miúdo, ou com madeira nos pavimentos superiores, e cobertas de telhas. Em vez das antigas portas e janelas gradeadas, já se podem ver por todos os lados portas inteiriças e janelas envidraçadas. As sacadas fechadas e sombrias, à moda oriental, foram por ordem superior rasgadas em balcões abertos diante das janelas.” (SPIX & MARTIUS, 1968)

Entre as construções de São Paulo, observaram “casas com sacadas de gradil”, na maioria de dois pavimentos; (Idem, *ibid.*) em Salvador, vislumbraram casas “construídas de pedra, tendo de três a cinco pavimentos”, em geral de aparência agradável. (Idem, *ibid.*)

Daniel Kidder chegou ao Rio de Janeiro em 1837 e deixou em seus relatos a visão de um norte-americano, que pode ser contraposta ao olhar europeu. Em relação às construções do Rio de Janeiro, constata:

“Quase todos os edifícios são construídos de granito. As paredes externas, porém, não são de pedra aparelhada, mas de pequenos fragmentos irregulares unidos com cimento e recobertos de argamassa. Conseqüentemente, a cor das paredes é invariavelmente branca e, reverberando ao sol, incomoda a vista com seus reflexos.” (KIDDER, 1980)

Da mesma forma que Saint-Hilaire, salienta a técnica construtiva das casas de São Paulo: a taipa de pilão, explicando o sistema de construtivo passo a passo. (Idem, *ibid.*) Não se detém, contudo, aos aspectos externos ou ao sistema de construção, registrando também a forma de distribuição interna dos cômodos:

“Já que estamos no assunto, descreveremos o arranjo interno das moradias paulistas, descrição essa que se aplica também à de outras regiões do império. Varia muito a divisão das casas; quase todas, porém, são construídas de forma a deixar uma área interna que serve para arejar os dormitórios, sistema esse tanto mais indispensável quanto é hábito generalizado manterem fechadas com pesadas folhas as janelas que dão para a rua. Nas cidades, o andar inferior raramente é ocupado para moradia; serve às vezes para casas de comércio, outras vezes para coqueira ou estábulo. As dependências mais comuns, em cima, são: a sala de visitas e a de jantar, entre as quais existem, invariavelmente, alcovas que servem de dormitórios.” (KIDDER, 1980)

Debret assinala o vasto emprego da varanda principalmente nas casas de campo do Brasil; (DEBRET, 1978) estabelece uma hierarquia entre a chácara, a roça, o engenho e a estância; (Idem, *ibid.*) e descreve casas térreas e sobrados urbanos, com apresentação de plantas e elevações. (Idem, *ibid.*)

Rugendas contrapõe as casas da parte mais antiga do Rio de Janeiro – com três ou quatro andares e somente três janelas na fachada – e as casas da parte “moderna” da cidade, “mais baixas, com telhados menos pontudos”. (RUGENDAS, 1972) Em relação aos edifícios de Salvador, ressalta seu “aspecto bastante pitoresco”: casas de “três, quatro e mesmo cinco andares”, que não comportavam mais que três ou quatro janelas na fachada. (Idem, *ibid.*) As casas do Recife se apresentaram ao pintor como “altas e estreitas, com tetos pontudos, muitas janelas e sacadas”. (Idem, *ibid.*)

John Mawe, da mesma forma que Daniel Kidder e Saint-Hilaire, descreve as casas de São Paulo e seu processo de construção detalhadamente. (MAWE, 1978) E assim fizeram também outros tantos viajantes em relação às casas brasileiras, térreas ou assobradadas, com ou sem sótão, de pedra, granito ou de taipa, ou mesmo de pau-a-pique e sapé, com lojas e acomodações para escravos no térreo, escritório no pavimento superior, alcovas acima e cozinha no alto, ou sala, alcovas e varanda no caso das térreas.

Uma arquitetura rudimentar aos olhos do europeu que contribuía para conferir um caráter pitoresco às

cidades brasileiras, sempre cercadas pela vegetação. Basta uma releitura da obra de Gilberto Freyre e dos próprios relatos de viagem para que se constate o elevado valor documental desses textos, em que aparecem descritas tanto a forma de distribuição dos cômodos internos das construções como as técnicas e materiais construtivos que dificilmente se revelam nas pinturas e fotografias de paisagens.

O valor documental dos anúncios de periódicos para a caracterização da arquitetura

O primeiro jornal publicado no Brasil foi a Gazeta do Rio de Janeiro, que teve seu número inaugural publicado a dez de setembro de 1808, após a chegada da Corte ao Rio de Janeiro e a instalação da Imprensa Régia. Nas décadas seguintes, surgiram vários outros jornais por todo o país, principalmente nas cidades de maior importância, como Salvador, Recife e Ouro Preto. Em São Paulo, a imprensa foi instalada apenas em 1827, com a publicação do primeiro jornal impresso – o Farol Paulistano. (TAUNAY, 1951)

Nem todos os periódicos da época apresentavam anúncios de venda e aluguel de casas em suas páginas. Muitas vezes, esses anúncios apareciam misturados a avisos referentes ao desaparecimento de escravos ou à venda de livros e móveis. Com o tempo, receberam uma seção específica em alguns jornais, como o Diário do Rio de Janeiro.

Nos primeiros anúncios de venda e aluguel de casas, não havia uma descrição muito detalhada da residência, especialmente a urbana. Mencionava-se o tipo de moradia (casa térrea ou sobrado), a localização e o lugar onde encontrar o responsável pela negociação. A análise desses anúncios fornece poucas informações no que diz respeito à arquitetura da cidade, sendo a descrição de sítios, chácaras e fazendas mais detalhada:

“Quem quizer comprar hum Sítio em Irajá, com cazas com cinco quartos, salla, duas varandas, pateo, cozinha e lugar de fazer farinha, tudo coberto de telha; hum bom aparelho, roda, forno, preña, e côxa, couxos, e gamellas, &c.; ornada de cadeiras, e alguns trastes, forno de doce, e ferramenta necessaria; com hum grande laranjal, bananal, ananazal, parreiral, muito café, dous quarteis de

mandioca, e algum milho, e outras muitas cousas (...).” (Gazeta do Rio de Janeiro, 14.12.1808, acervo da Fundação Biblioteca Nacional)

Aos poucos a moradia urbana passou a ser descrita com especificações não apenas em relação ao número de pavimentos, mas também no que diz respeito ao tipo de material construtivo (casas térreas de pedra e cal, casas térreas de pau a pique, moradas de casas de sobrado de pedra e cal, casas de tijolo, construções de taipa) ou ao comprimento da fachada (em palmos ou braças) – embora se observe que ao findar do século XIX os anúncios tenham voltado a ser menos descritivos e mais objetivos, com o aparecimento de pessoas e locais especializados na venda e aluguel de imóveis.

“Quem quizer comprar huma propriedade de casas de pedra e cal de tres andares, ás portas da Ribeira; e hum grande sobrado de pedra e cal á quintada da Ilha de Itaparica; e huma boa casa de campo de pedra e cal com seu quintal grande; venhão fallar com Francisco Salustiano Cordeiro de Araujo Frio.” (Idade d’Ouro do Brasil, 14.06.1811, acervo da Fundação Biblioteca Nacional)

O emprego do vidro nas janelas (assim como a existência de água nas roças e chácaras) tornou-se elemento de diferenciação e valorização da residência urbana e semi-urbana, denotando a influência européia, neste caso, especialmente a inglesa, na arquitetura:

“Vende-se huma morada de cazas de sobrado no canto da rua da Pedreira, indo do Aljube, de grades de ferro, toda envidraçada, com commodos para mais de 20 escravos, commodos para huma grande cavalherice, quem as quizer comprar dirija-se á mesma, que se lhe dará o preço.” (Gazeta do Rio de Janeiro, 09.06.1821, acervo da Fundação Biblioteca Nacional)

É importante ressaltar o interesse da indústria inglesa na difusão desses materiais (o ferro e o vidro), para ampliação de seu mercado consumidor. As antigas rótulas e muxarabis foram banidos do espaço urbano não apenas por motivos estéticos, mas por razões políticas e comerciais.

A partir da década de 1820 passa a ser possível avaliar a arquitetura urbana que aparece nos anúncios de

jornal segundo esses detalhes da fachada, como a existência de janelas envidraçadas e de grades de ferro:

"Vende-se huma morada de cazas, citas em Mataporcos, hindo da Cidade passando o barro vermelho lado esquerdo, as primeiras que tem janellas de sacada com grades de ferro: estas cazas tem commodo bastante para huma grande familia, tem 14 janelas envidraçadas, além das portas das alcovas e dos corredores para as ditas que tambem estão da mesma forma com vidros (...). (...) quem as pertender dirija-se as ditas para tratar do ajuste depois de as ver." (Diário do Rio de Janeiro, 15.01.1822, acervo da Fundação Biblioteca Nacional)

O número de portas e janelas na fachada assume da mesma forma papel importante na caracterização da moradia urbana:

"Vende-se huma morada de cazas terreas com bom sotão, reformadas de novo, de 2 janellas e huma porta de frente, citas na rua dos Latoeiros no 37 (...)." (Diário do Rio de Janeiro, 25.01.1822, acervo da Fundação Biblioteca Nacional)

Em 1822, já era possível encontrar alguns anúncios de jornal que faziam menção aos cômodos internos de residências situadas no espaço urbano:

"Quem quizer alugar huma morada de cazas de sobrado novas, na travessa de S. Francisco de Paula, com grandes accomodações para numeroza familia, com tres salas, muitos quartos, e quintal, e poço, cocheira, e commodos para quatro animaes; procure na rua do Ouvidor, caza no 71, lado esquerdo indo para o Campo." (Diário do Rio de Janeiro, 04.01.1822, acervo da Fundação Biblioteca Nacional)

A existência de sótãos nas construções do Rio de Janeiro e o aluguel destes para pessoas solteiras ou famílias (denotando a possibilidade de renda por meio do aluguel de determinados espaços internos da casa urbana) também são evidenciados nos anúncios de jornal:

"Tambem há para alugar huma caza na rua do Alecrim, de sobrado, com hum grande sótão, e muitos bons commodos para duas familias, hum grande quintal com poço, cavalharice para oito animaes;

quem as pertender dirija-se a rua do Sacramento caza no 19." (Diário do Rio de Janeiro, 10.01.1822. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional)

Alugava-se o sobrado, a casa térrea, o primeiro ou o segundo pavimento do sobrado ou mesmo o sótão para famílias inteiras, especialmente no Rio de Janeiro, em Salvador e no Recife, onde os sobrados eram mais altos (muitos deles com quatro ou cinco pavimentos) e não havia moradias em número suficiente para atender a demanda. O aluguel de partes do sobrado indica não apenas uma renda adicional, mas o uso multi-familiar dessas construções. Os pavimentos dos sobrados que se pretendiam alugar possuíam comumente duas salas, dois ou quatro quartos, cozinha e, em alguns casos, corredor independente de entrada. Esse uso diferenciado da habitação ainda no século XIX só pode ser constatado a partir de fontes documentais como esses aúncios.

De uma forma geral, a análise dos anúncios de jornal permite averiguar: o número de pavimentos das residências (casas térreas, sobrados, sobrados de três ou quatro pavimentos), a existência de sótãos e mirantes, o comprimento da fachada principal e a extensão do terreno, o número de portas e janelas, a relação de cômodos internos, os materiais construtivos, a existência de quintais, jardins e "chácaras" – no sentido de espaço com horta e pomar junto à residência, o aluguel de sótãos ou andares inteiros para outras famílias ou pessoas solteiras e a localização das casas para vender e alugar no espaço urbano. Disso provém seu caráter documental.

Pinturas de paisagens

Se no século XVIII predominou a "*descrição naturalista*", com o país representado por meio de sua flora e de sua fauna nas obras dos pintores viajantes, que tinham como objetivo registrar os recursos das terras visitadas, no século XIX teve lugar a "*abordagem romântica*", "*do passeio pelos arredores e pelos jardins*". (BELLUZZO, 1996) Segundo Ana Maria Belluzzo, "*o tema indissociável da experiência do viajante do século XIX foi a paisagem*". (Idem, *ibid.*) A floresta nativa, as construções em meio à vegetação, vistas e panoramas da cidade brasileira foram temas constantes nas pinturas dos viajantes desse período.

Dos pintores que estiveram no Brasil durante o século XIX, compõem a tríade de maior relevância Debret, Thomas Ender e Rugendas.

Debret veio ao Brasil com a Missão Artística Francesa de 1816, tendo permanecido no país até 1831, enquanto participou da formação e consolidação da Academia Imperial de Belas Artes. Pintou figuras de índios, seus instrumentos de caça e de guerra, seus tipos de habitação; pintou vistas da baía do Rio de Janeiro e os costumes dos habitantes da cidade; pintou as lavadeiras à beira-rio, a exploração de pedreiras, os castigos aplicados aos escravos; registrou ainda algumas plantas nativas em seus desenhos e elaborou pinturas históricas como a “Aclamação de D. Pedro”. Em suas obras, retratou o Brasil do oitocentismo. Entretanto, José Mariano Filho questionou: “*Mas será esse retrato verdadeiro?*” Em relação à documentação arquitetônica, o historiador da arte afirmou ter sido fidedigna quando o artista estudou o elemento isoladamente, como documento artístico, e distanciada da realidade quando foi empregada como elemento secundário de “composição”, nos quadros de costumes, deixando-se “empolgar pela fantasia”. (MARIANO FILHO, s.d.)

Thomas Ender esteve no Brasil em 1817, acompanhando a Missão Austríaca por ocasião do casamento da arquiduquesa Leopoldina da Áustria com D. Pedro I. Contava apenas 23 anos quando aportou no Rio de Janeiro. Em apenas um ano elaborou cerca de “700 desenhos – de florestas, vales, animais, plantas, pessoas e paisagens – além de 3 panoramas, a maioria em aquarela, feitos a partir de imagens da natureza”, como ele mesmo afirmou em sua “Pequena autobiografia”. (apud WAGNER, 2000)

Se Debret divulgou a vida, os costumes, os hábitos e festas do Rio de Janeiro, Thomas Ender registrou com maestria os aspectos arquitetônicos – civis, religiosos e públicos – do Rio de Janeiro e de cidades do Vale do Paraíba do Sul. (FERREZ, 1976) Nas imagens que elaborou, aparece com frequência a vegetação exuberante (com palmeiras, bananeiras e outras plantas tropicais destacando-se na paisagem); predomina em suas aquarelas um tom amarelo-esverdeado, que confere à imagem uma característica dourada, denotando o fascínio do artista diante das cores e das luzes da paisagem brasileira. A cidade registrada em suas obras, segundo Gilberto Ferrez,

era ainda a cidade colonial do século XVIII, pitoresca, com ruas estreitas, janelas de rótulas, cores vivas por toda parte. (FERREZ, 1976)

Rugendas veio ao Brasil como integrante da expedição Langsdorff, em 1821. Assim que chegou, abandonou a expedição e traçou seu próprio caminho. Em suas paisagens, retratou o relevo brasileiro, a flora, a fauna e as construções em meio à vegetação. Surpreendeu-se com as florestas nativas, “*a parte mais interessante das paisagens do Brasil*” e “*a menos suscetível de descrição*”; (RUGENDAS, 1972) e deixou-se encantar pelas paisagens e belezas do Rio de Janeiro. (Idem, *ibid.*) No Brasil, Rugendas percorreu alguns dos caminhos feitos por Thomas Ender, chegando a registrar determinados locais a partir de um mesmo ponto de vista – como a rua Direita no Rio de Janeiro e a cascata da Tijuca. Uma das críticas feitas em relação à sua obra é que algumas cenas e esboços foram modificados na Europa e parte das litografias foi composta em Paris, reduzindo o caráter documental dessas imagens. (DIENER, 1996)

O que é preciso ter em mente ao proceder à análise de todas essas obras é que se tratava sempre do olhar europeu, interessado no novo, no pitoresco, no anedótico; tratava-se também de uma forma de representação das paisagens brasileiras e dos habitantes do Brasil que, em alguns casos, dada a influência da academia europeia, distanciavam-se da realidade. De qualquer forma, no período que antecedeu a descoberta e divulgação da fotografia, são as obras dos pintores paisagistas os documentos iconográficos que melhor expõem as características da arquitetura e do espaço urbano do Brasil, principalmente quando não se tem à disposição os desenhos de implantação e fachada dos edifícios. A leitura dessas imagens evidencia o número de pavimentos das construções, o tipo de telhado (de duas ou quatro águas), detalhes da fachada (número de portas e janelas, presença de muxarabis, existência de varandas) e a relação dessas construções com a rua e com o entorno imediato. Daí a importância de seu estudo e análise para a História da Arquitetura.

Fotografias de paisagens

Em maio de 1839, o Jornal do Comércio do Rio de Janeiro noticiava a descoberta de Daguerre em Paris.

No ano seguinte, em 1840, o largo do Paço do Rio de Janeiro era registrado em um daguerreótipo do abade Louis Compté. (KOSSOY, 1980) Ainda na década de 1840 os jornais começavam a publicar anúncios de artistas que ofereciam serviços de daguerreotipia. Todavia, dos trabalhos dos primeiros fotógrafos instalados no Brasil restaram antes retratos de pessoas que imagens de paisagens. (FERREZ, 1988) Foi principalmente a partir da segunda metade do século XIX que surgiram os fotógrafos paisagistas, efetuando retratos de edifícios públicos, igrejas e paisagens de cidades brasileiras – como Marc Ferrez, Guilherme Gaensly, Militão Augusto de Azevedo e Rodolfo Lindemann.

As imagens que aparecem nessas fotografias constituem documentos visuais para as ciências e para a arte, como assinala Boris Kossoy:

“Toda fotografia é um resíduo do passado. Se, por um lado, ela nos oferece indícios que permitem o levantamento e a análise dos vários elementos que lhe deram origem em determinado espaço e tempo num dado momento histórico, por outro lado, sua imagem, segundo os valores que enfatiza, constitui-se sempre no ponto de partida de um processo gerador de inúmeras possibilidades de interpretações e aplicações em áreas específicas das Ciências e das Artes.

(...) uma única fotografia pode ser objeto de estudo em diferentes áreas, que por sua vez se abrem às outras subdivisões ou disciplinas.” (KOSSOY, 1980)

Desde a sua invenção, a fotografia tem sido utilizada no registro de cenários e personagens reais, com absoluta semelhança. (Idem, *ibid.*) Ao retratar os mais diferentes aspectos da realidade de um país, torna-se importante fonte de pesquisa para os estudos históricos relacionados às mais variadas áreas de conhecimento. Possui conteúdo documental e por isso pode ser empregada como fonte histórica. (Idem, *ibid.*)

Para o estudo da arquitetura e do espaço urbano de épocas anteriores, a fotografia de paisagens e de cenas urbanas apresenta um valor documental bastante acentuado. Embora não permita a visualização dos espaços internos das construções, retrata algumas de suas características externas e

sua relação com outras construções, com os espaços livres de edificação e com o entorno.

Rodolfo Lindemann fotografou o corredor de Vitória, na Bahia, nas proximidades do largo da Vitória – bairro da elite baiana e de estrangeiros. Essa imagem registra o emprego de plantas tropicais – como cactos e palmeiras – no jardim frontal das residências mais ricas, precedendo o jardim moderno, caracterizado pela utilização de plantas nativas. Em relação à arquitetura, demonstra a influência externa (européia) na composição das fachadas. As ruas, asfaltadas, apresentam trilhos de fenda por onde começavam a passar os bondes ainda em fins do século XIX. Para o estudioso da arquitetura baiana do oitocentismo e para o estudioso de jardins, a imagem é bastante reveladora.

Guilherme Gaensly, suíço, esteve no Brasil entre 1865 e 1885, destacando-se entre os fotógrafos que retrataram a Bahia no século XIX. Em 1885, fotografou a rua Nova da Princesa, ou rua Portugal, registrando nessa imagem construções de dois pavimentos erguidas no alinhamento, com janelas de arco ogival. Na rua, aparecia o trilho dos bondes. Em outras imagens, registrou construções com traços neoclássicos, demonstrando a influência estrangeira e o prenúncio do Ecletismo na Bahia.

Em 1860, Benjamin Mulock fotografou o primeiro grande panorama da cidade de Salvador, com sobrados de três e quatro pavimentos e telhados de duas águas junto ao mar. Nas encostas, bananeiras e extensos muros de arrimo. As construções subiam os morros, acompanhando a topografia e criando um jogo de volumes de fachadas e telhados que se destacavam na paisagem. Na cidade baixa, era possível observar construções de baixa qualidade. Outra imagem de 1860 retratava a alameda de dendezeiros na calçada do Bonfim, com as construções em meio à vegetação. A fotografia da rua Nova do Comércio (1860) apresenta construções de três, quatro e cinco pavimentos, erguidas no alinhamento.

A ladeira de São Bento, o teatro São João, o paço municipal. Ruas, edifícios e paisagens atraíam o olhar do fotógrafo. Comparando-se as imagens feitas no período de 1860 a 1880, é possível constatar mudanças na paisagem: alterações nas fachadas dos edifícios, introdução de recuos e do jardim

frontal, trilhos de fenda para circulação de bondes, o princípio da arborização urbana – com as árvores plantadas diretamente nas ruas e não ao longo dos passeios.

Marc Ferrez também fotografou a Bahia (entre 1875 e 1876), mas parte considerável das imagens que produziu corresponde a vistas e panoramas do Rio de Janeiro, de elevado valor documental para o estudo da arquitetura e do espaço urbano do período, como a “Vista do Rio de Janeiro” e a “Vista da Área Central do Rio de Janeiro”.

Militão Augusto de Azevedo foi o fotógrafo das paisagens paulistanas. Realizou uma série de fotografias de ruas da capital paulista em 1862 e repetiu a mesma seqüência em 1887. A análise comparativa dessas imagens revela as transformações pelas quais passou a cidade de São Paulo em tão curto espaço de tempo – cerca de vinte e cinco anos. A rua do Rosário, a rua do Comércio, a rua da Quitanda e a rua da Glória fazem parte dessa série de imagens de caráter documental. Além destas, há vistas e panoramas da cidade de São Paulo que revelam características da paisagem e da arquitetura do período – os telhados de duas águas, os largos beirais indicando o emprego da taipa, a predominância de casas térreas e sobrados de dois pavimentos.

O registro por meio de imagens fotográficas de casas, ruas e avenidas, bairros, vistas e panoramas da cidade brasileira, se por um lado revela o olhar do fotógrafo (brasileiro ou estrangeiro), por outro lado evidencia detalhes das construções e dos espaços livres de edificação em determinado momento histórico. Para o pesquisador de história da arquitetura, comprova ou contradiz os relatos de viagem, as pinturas dos viajantes, os anúncios de jornal. A fotografia é uma das fontes de pesquisa mais precisas na investigação dos detalhes da fachada, de uma composição arquitetônica, da relação entre a construção e os espaços livres e entre uma construção e outra. Na ausência de plantas, cortes e desenhos de fachada e de implantação e na ausência das próprias construções no espaço urbano, é necessário recorrer a outros documentos para a análise da arquitetura de períodos precedentes, seja a fotografia, as pinturas de paisagem, os anúncios de jornal ou mesmo os relatos de viagem.

Conclusão

Textos sob a forma de relatos de viagem, anúncios de jornal, desenhos, gravuras, aquarelas e pinturas de paisagens e construções e fotografias paisagísticas compõem de fato rico material de pesquisa para o historiador da arquitetura. Cada um desses documentos pode confirmar ou contradizer o outro. No caso de uma hipótese confirmada por meio da análise de todas essas fontes, pode-se concluir por sua veracidade. Já as contradições podem sugerir novas problemáticas e novos questionamentos ao historiador.

Como era de fato a rua Direita do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XIX? Possuía uma feição de cidade européia como sugere a gravura de Rugendas ou uma atmosfera tranqüila como aparece na aquarela de Thomas Ender? O aspecto das construções que aparecem nos relatos de viagem correspondem àquele das construções que compõem as pinturas, desenhos, gravuras e aquarelas? A leitura dos textos de Saint-Hilaire, Daniel Kidder e John Mawe sobre São Paulo remetem o leitor à vista da cidade elaborada por Thomas Ender? Os anúncios de jornal de Salvador comprovam o emprego do termo ‘roça’ em vez de ‘chácara’ como sugere Maria Graham? As características das casas dos anúncios de venda e aluguel são as mesmas dos relatos de viagem? A função do historiador da arquitetura é pesquisar e analisar todos os documentos disponíveis (ou boa parte deles) e concluir pela hipótese mais plausível. Como um documento pode comprovar ou refutar a hipótese sugerida por outra fonte, a análise do conjunto disponível contribui para a precisão da resposta apresentada.

Gilberto Freyre foi um dos primeiros, senão o primeiro, a trabalhar com uma variedade de fontes de caráter documental para caracterizar a sociedade e a arquitetura de um período. É muitas vezes contestado, mas seu trabalho evidencia o valor dessas fontes documentais e indica o caminho para novas pesquisas e averiguações.

Referências bibliográficas

BELLUZZO, Ana Maria. “A propósito do Brasil dos viajantes”. Revista USP, São Paulo, n.30, p.:08-19, 1996.

- DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, 1834-1839. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo, Edusp, 1978.
- Diário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Real Tipografia, 1821-1878. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).
- DIENER, Pablo. "O catálogo fundamentado da obra de J. M. Rugendas". Revista USP, São Paulo, n.30, p.:46-57, 1996.
- FERREZ, Gilberto. A fotografia no Brasil. Rio de Janeiro, FNA:FNPM, 1985.
- _____. Velhas fotografias pernambucanas (1851-1890). 3.ed. Rio de Janeiro, Campo Visual, 1988.
- _____. Rio antigo do fotógrafo Marc Ferrez. 3.ed. São Paulo, Ex Libris, 1989.
- _____. Bahia: velhas fotografias (1858-1900). Rio de Janeiro, Salvador, Kosmos, 1989.
- FERREZ, Marc. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Marc Ferrez, s.d.
- FREYRE, Gilberto. 16.ed. Sobrados e mucambos. São Paulo, Global, 2006.
- Gazeta do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1808-1822. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).
- GRAHAM, Maria. Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823. Trad. Américo Jacobina Lacombe. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956.
- Idade d'Ouro do Brasil. Salvador, Typ. de Manoel Antonio da Silva Serva, 1811-1823. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).
- KIDDER, Daniel. Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Sul do Brasil: Rio de Janeiro e província de São Paulo, 1837-1840. São Paulo, Edusp, 1980.
- KOSSOY, Boris. Militão de Azevedo e a documentação fotográfica de São Paulo (1862-1887). Dissertação de Mestrado. São Paulo, s.n., 1978.
- LEMOS, Carlos. Arquitetura brasileira. São Paulo, Melhoramentos, Edusp, 1979.
- MAWE, John. Viagens ao interior do Brasil, 1812. Trad. Selena Benevides Viana. São Paulo, Edusp, 1978.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- RUGENDAS, João Maurício. Viagem pitoresca através do Brasil, 1821-1825. São Paulo, Martins, Edusp, 1972.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo, 1822. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.
- _____. Viagem à província de São Paulo, 1820. Trad. Regina Regis Junqueira. São Paulo, Edusp, 1976.
- _____. Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1816-1817. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte, Itatiaia, 2000.
- SPIX, Johann Baptiste von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Viagem pelo Brasil: 1817-1820. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo, Edusp, 1981.
- WAGNER, Robert. Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender. Petrópolis, Kapa, 2000.

Documentary sources for the study of the 19th century Brazilian house

Solange de Aragão

Abstract

This paper aims to present and discuss four documentary sources for the study of the 19th century Brazilian house: traveler's writings, newspaper advertisements, paintings and landscape photographs; documents in which the Brazilian architecture, specially the house, is described or presented in its external or internal aspects, and sometimes appears as part of Brazilian landscapes.

Keywords: documentary sources, brazilian house, 19th century.

Fuentes documentales para el estudio de la casa brasileña del siglo XIX

Solange de Aragão

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo presentar y discutir cuatro fuentes documentales para el estudio de las casas brasileñas del siglo XIX: relatos de viajes, anuncios en periódicos, pinturas y fotografías de paisajes – fuentes documentales donde la arquitectura brasileña, particularmente la casa, a veces es descrita, a veces se presenta en su aspecto exterior o interior, a veces como parte de los paisajes de Brasil.

Palabras clave: fuentes documentales, arquitectura brasileña, siglo 19.